

# Negros mantêm quilombos na Amazônia

São mais de sete mil negros que vivem no rio Erepecuru, afluente do Trombetas (PA), onde lutam pelo direito à terra para plantar e viver

Orlando Farias



Naltinho, líder das 20 comunidades remanescentes do rio Trombetas

## Orlando Farias

RIO TROMBETAS (PA) — Num sinuoso e encachoeirado afluente do rio Trombetas, o Erepecuru, sete mil remanescentes dos únicos quilombos que a Amazônia conheceu — continuam vivendo o sonho secular de seus antepassados: o da liberdade associado por eles próprios, ao direito à terra para plantar e viver em paz. O sonho pareceu concretizado com a Constituição de 88 que assegurou a demarcação de suas terras imemoriais, numa área de aproximadamente 600 mil hectares.

A realidade dos últimos seis anos, porém, foi bem diferente do que recomendavam as próprias leis do País. “Perdemos centenas de hectares de terra e estamos agora permanentemente ameaçados de morte pelos fazendeiros”, atesta o vice-coordenador da Associação Nacional dos Remanescentes de Quilombos, Joaquim Lima de Souza, 46 anos. Tudo porque os fazendeiros da região sentiram-se ameaçados diante da possibilidade da demarcação dos antigos quilombos.

A reação dos fazendeiros, segundo Joaquim Souza, foi estender a cerca de arame farpado de suas fazendas sobre as terras dos remanescentes. “Eles sempre cobiçaram nossas terras por serem férteis e debaixo delas possuir minérios”, diz ele, lembrando que a 80 km dali a Mineração Rio do Norte, subsidiária da Vale do Rio Duce, extrai diariamente toneladas de bauxita.

Esclavidão — Pura ironia do destino ou não, os algozes de hoje são os mesmos de seus antepassados. Foi para fugir da escravidão imposta por fazendeiros em Santarém (PA) e seus arredores há mais 100 anos, que os negros se embrenharam nas matas mais inacessíveis do Pará. Moraram por muitos anos na cabeceira do rio Frepecuru e outros afluentes do Trombetas, protegidos de seus

perseguidores pelos obstáculos naturais que representam as cachoeiras.

Com a abolição da escravidão, eles procuraram ficar mais próximos da civilização e foram habitar a foz do Erepecuru com o Trombetas. “Daqui nós estamos a quatro horas de barco de Oriximiná (a cidade mais próxima)”, revela Naltinho Guedes de Melo, 54 anos, um dos mais respeitados líderes das 20 comunidades remanescentes de quilombos ao longo do rio. A proximidade facilita muito em caso de doença e compra

## Os negros do Trombetas representam pelo menos 25% dos votos em Oriximiná

tanto quanto à venda e compra de mercadorias.

O reencontro com os fazendeiros ocorreu há cerca de 40 anos. O sucesso que os remanescentes alcançaram na agricultura chamou a atenção dos fazendeiros para a fertilidade das terras do lugar. Desde então, “não tivemos mais paz”, diz Naltinho Melo. Até pelas implicações históricas, ele advoga que a demarcação só será completa se afastar da região, os fazendeiros. “Onde tem posseiro misturado com fazendeiro, a coisa acaba em conflito”, ensina.

Os remanescentes também estão perdendo muito de sua história. Tombados por lei federal como sítios arqueológicos, os antigos quilombos estão sendo destruídos por garimpeiros em busca de ouro e pelo próprio tempo. “O perigo é que os restos dos quilombos desapareçam junto com a gente e não exista mais história pra contar”, afirma Manoel dos Santos Oliveira, 50 anos outro remanescente.

Quilombos — “Se não for pela bala”, como pondera Naltinho Guedes, o espírito dos quilombos nunca vai desaparecer do seio dos remanescentes. Eles continuam pobres, morando em casebres de palha e casando entre si. Os brinquedos das crianças continuam sendo as pedras coloridas que recolhem nos beiradões do rio. As festas uniram os deuses da África com os da floresta e fundiram-se com a religiosidade cristã. Por isso, elas terminam sempre com uma procissão de canoas e barcos pelo rio Trombetas.

O café forte que tomam ainda é moído no pilão de madeira. Uma vez por mês, todos se reúnem para trabalhar pela comunidade. “Uma vez é fazer reparos em uma das vilas outra é abrir uma picada na floresta e assim por diante”, diz o vice-coordenador da Associação dos Remanescentes, Joaquim Souza. As medidas de segurança da época do quilombo nunca foram relaxadas. “Qualquer barco que entra no Frepecuru é revistado”, conta Souza. A providência evita a entrada em seu reduto de armas de fogo para matar caça ou redes de arrastão para a prática da pesca predatória.

Os negros do Trombetas representam pelo menos 25% dos votos do município paraense de Oriximiná. Até hoje, porém, não possuem escolas ou posto médico. “A malária vem matando muitos dos nossos parentes de 1990 para cá”, ressaltam. Eles não tem ilusão do que está por trás das ameaças, do desinteresse e do quadro de abandono que denunciam. “Negros das grandes capitais já é discriminado socialmente, imaginem os negros do meio da floresta que teimam em manter vivos os quilombos”, resume Joaquim Lima de Souza.